

Graham Oppy e o argumento cosmológico *kalam*

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

Graham Oppy [1] despontou como um dos adversários mais formidáveis do argumento cosmológico *kalam*. Ele rejeita todos os quatro argumentos dependentes da metafísica e da física para a segunda premissa de que *o universo começou a existir*. Ele também acha que não temos nenhuma boa razão para aceitar a primeira premissa de que *tudo o que começa a existir tem uma causa*. Nesta resposta, espero mostrar que o argumento cosmológico *kalam* é, de fato, consideravelmente mais forte do que Oppy o afirma, sobrevivendo até mesmo à sua crítica incisiva.

Introdução

Nos últimos anos, o antigo argumento cosmológico *kalam* desfruta de uma espécie de renascimento. O argumento assume a forma de um silogismo simples:

1. Tudo o que começa a existir tem uma causa.
2. O universo começou a existir.
3. Logo, o universo tem uma causa.

Análise conceitual da noção de uma causa do universo permite que se chegue a inúmeras propriedades marcantes desta causa e que avalie a sua importância para o teísmo.

Graham Oppy despontou como um dos adversários mais formidáveis do argumento cosmológico *kalam*. [2] Pois bem, se Oppy não alegasse mais nada com respeito ao argumento cosmológico *kalam* do que o que ele diz acerca de argumentos teístas em geral, ou seja, que nenhum deles é, num sentido forte, racionalmente convincente, [3] os *mutakallim* contemporâneos (ou praticantes de *kalam*) teriam pouco a discordar de Oppy, escolhendo antes desafiar o padrão elevado de Oppy quanto ao que constitui um "bom" argumento. [4] Felizmente, pelo bem da discussão, a avaliação de Oppy sobre o argumento cosmológico *kalam* é tão baixa que esse padrão mal entra em cena em sua discussão. No julgamento de Oppy, os argumentos filosóficos a favor das premissas fundamentais do argumento cosmológico *kalam* são "muito fracos", não provendo nenhum "apoio sério" à afirmação de que o universo começou a existir, ao passo que os argumentos científicos em apoio a esta afirmação são desprovidos de "qualquer mérito", amparando, no máximo, a finitude do universo no passado. Da mesma forma, a primeira premissa do argumento "não é nem um pouco óbvia", e os argumentos propostos em seu nome são "extremamente fracos". Se a crítica de Oppy está correta, o argumento cosmológico *kalam*, mesmo quando avaliado por padrões mais realistas e razoáveis do que os de Oppy, fica aquém de ser um bom argumento. Nesta resposta, espero mostrar que o argumento é, de fato, consideravelmente mais forte do que Oppy o afirma, sobrevivendo até mesmo à sua crítica incisiva.

ARGUMENTOS PARA A SEGUNDA PREMISSA

Voltemo-nos, primeiramente, a um exame dos quatro argumentos de apoio que proponho a favor da premissa (2). Embora Oppy os caracterize como dois argumentos *a priori* e dois argumentos *a posteriori*, esta caracterização é equivocada, uma vez que não há nenhuma sugestão de que as premissas dos dois argumentos filosóficos possam ser conhecidas como verdade independente da experiência. Na verdade, muito pelo contrário. Devemos nos lembrar que até mesmo verdades metafisicamente necessárias podem, em alguns casos, ser cognoscíveis apenas *a posteriori*. Uma classificação mais precisa desses argumentos de apoio seria diferenciar argumentos metafísicos de argumentos físicos para o começo do universo.

Primeiro argumento de apoio

O primeiro argumento em apoio à finitude do passado é o seguinte (usando a numeração de Oppy):

1.1 Um infinito real não pode existir.

1.2 Um regresso temporal infinito de eventos é um infinito real.

1.3 Logo, um regresso temporal infinito de eventos não pode existir.

A preocupação de Oppy com (1.2)

Oppy concorda com (1.2): "Consigo conceder que um regresso temporal infinito é um infinito real". [5] Não contente com esta concessão, no entanto, Oppy traz à tona a preocupação de que os mesmos argumentos que mostram o passado como sendo finito exigirão que o futuro também seja finito. Esta preocupação é curiosa, uma vez que é irrelevante para a solidez do argumento diante de nós. Se o argumento implica que o futuro, bem como o passado, é finito, então o tempo (métrico) um dia chegará a um fim (em um Big Crunch, talvez?), assim como teve um começo. Oppy devaneia que, então, teremos de "nos preocupar com as consequências desta conclusão para as alegações sobre a extensão da vida após a morte". [6] Tal preocupação é equivocada, no entanto, pois o argumento cosmológico *kalam* não faz afirmações sobre a vida após a morte, muito menos sobre sua extensão temporal. É difícil não ver aqui uma referência a alegações de religião revelada deslocadas neste contexto.

Considerando, porém, a preocupação em seus próprios méritos: fica com Oppy a tarefa de mostrar que os mesmos argumentos contra a infinitude do passado implicam que o futuro não pode continuar para sempre. Oppy discerne corretamente que, na teoria de quatro dimensões, segundo a qual o tempo é atemporal, a distinção entre passado e futuro é dependente da mente ou dependente da perspectiva, de modo que, se um número infinito real de eventos não pode existir, o tempo deve ser finito tanto na direção *antes de* quanto *depois de*